



ConBRepro

XI CONGRESSO BRASILEIRO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO



01 a 03
de dezembro 2021

Análise sob a ótica dos Campos de Ação Estratégicos de um processo de mobilização de um movimento regional de empreendedorismo.

Sergio Ricardo Mazini

Engenharia de Produção - UFSCAR

Karina Gomes de Assis

Engenharia de Produção - UFSCAR

Silvio Eduardo Alvarez Candido

Engenharia de Produção - UFSCAR

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo analisar o processo de mobilização de um movimento regional de empreendedorismo baseado na teoria dos Campos de Ação Estratégicos, identificando os diversos campos interconectados e os frames usados nesta mobilização, além dos aspectos facilitadores e entraves encontrados pelos agentes. Trata-se de uma tese em andamento onde inicialmente realizou-se um investimento teórico na revisão bibliográfica dos temas apresentados na pesquisa, seguido por uma coleta de dados secundários através de entrevistas realizadas com gestores e consultores relacionados aos agentes envolvidos no movimento para obter informações para compreensão das suas características e atuação. Será realizado em uma segunda etapa a estruturação de questionários para as entrevistas que serão realizadas na pesquisa de campo. Com a revisão bibliográfica e a coleta de dados identificou-se a existência de diferentes "ondas" de empreendedorismo ao longo dos anos onde o cenário existente e os frames utilizados pelos agentes sofreram mudanças impactadas principalmente pelos novos recursos tecnológicos e por mudanças organizacionais ocasionadas pelo novo espírito do capitalismo, a financeirização e o capitalismo de plataforma.

Palavras-chave: Empreendedorismo, Campos de ação estratégicos, novo espírito do capitalismo.

The process of mobilizing a regional entrepreneurship movement from the perspective of Strategic Action Fields

Abstract: This research aims to analyze the mobilization process of a regional entrepreneurship movement based on the theory of Strategic Fields of Action, identifying the various interconnected fields and the frames used in this mobilization, in addition to the facilitating aspects and obstacles encountered by the agents. This is an ongoing thesis where initially a theoretical investment was made in the literature review of the themes presented in the research, followed by a collection of secondary data through interviews carried out with managers and consultants related to the agents involved in the movement to obtain information for understanding of its characteristics and performance. The structuring of questionnaires for the interviews that will be carried out in the field research will be carried out in a second stage. The literature review and data collection identified the existence of different "waves" of entrepreneurship over the years where the existing scenario and the frames used by agents underwent changes mainly impacted by new technological resources and

organizational changes caused by the new spirit of capitalism, financialization and platform capitalism.

Keywords: Entrepreneurship, Strategic Fields of Action, New Spirit of Capitalism.

1. Introdução

A história e a evolução do capitalismo, segundo Boltanski e Chiapello (2009), passam por três grandes fases denominadas “espíritos do capitalismo”. A primeira fase ocorreu no fim do século XIX e é caracterizada pelo “burguês empreendedor”¹ que se aventurava na especulação, no risco e na inovação. A segunda fase se deu entre os anos 1930 e 1960, caracterizando-se menos pelas iniciativas individuais e mais pelas organizações centradas no desenvolvimento industrial. A terceira fase, ainda em formação, é descrita como um ambiente de capitalismo globalizado e de novas tecnologias, na qual ocorre o que os autores chamam de “novo espírito do capitalismo”. Esta nova fase, aliada à nova ideologia neoliberal do início da década de 1980, contribuiu para mudanças ideológicas no mundo do trabalho, no qual é necessário um engajamento maior por parte dos trabalhadores, que já não sentem estimulados pelas formas assalariadas existentes na sociedade industrial, além de impactar na geração de novas oportunidades de empreendedorismo proporcionado principalmente pelas novas tecnologias emergentes.

Segundo Harvey (2010), neste novo cenário, o capitalismo configura-se pelos processos de globalização dos mercados de trabalho, pelo aumento dos fluxos internacionais do capital e pela financeirização da economia. As conexões e os impactos da financeirização são descritas por Boyer (2000), através da ideia de um regime de acumulação liderado pelas finanças e com um impacto direto nas formas de competição, visando um maior retorno aos acionistas.

A partir dos anos 2000, uma fase denominada de capitalismo de plataforma, que surge a partir da evolução do capitalismo financeiro possibilitando o surgimento de novos modelos de negócios, como as *startups*, que se utilizam dos dados e informações em novos empreendimentos por meio das tecnologias digitais possibilitando a interação de grupos em plataformas como o Google, Facebook, Uber, Airbnb representa um novo regime de acumulação ou uma sequência de regimes anteriores (SRNICEK, 2017).

O discurso empreendedor ganha ainda mais força neste cenário, potencializado pelas plataformas digitais e pelas mudanças organizacionais e no mundo do trabalho, facilitando iniciativas empreendedoras que possibilitem aos trabalhadores a busca por soluções e alternativas para um mercado de trabalho mais competitivo e flexível em decorrência da financeirização. As novas formas de organização do trabalho passam a ser determinadas não apenas pelo crescimento do poder financeiro mas também para acompanhar as mudanças estruturais pelas quais as empresas passaram e que começou a privilegiar a polivalência e a autonomia crescente dos assalariados substituindo o controle e a prescrição *a priori* das tarefas produtivas por um controle procedimental e *a posteriori*, além de uma crescente pressão do mercado nos postos de trabalho através de uma melhor compreensão e conhecimento das necessidades e expectativas deste mercado (COUTROT, 2005)

Compreender o surgimento e a evolução de um movimento regional de empreendedorismo, no contexto dos campos de ação estratégicos e a atuação dos agentes em seus diversos campos interconectados, contribui para entendermos as mudanças da lógica empreendedora, pois as mudanças ocorridas no sistema capitalista ao longo dos anos ocasionou mudanças na compreensão do que é empreender e na forma de atuação dos

¹ O burguês empreendedor é caracterizado pelo empreendedor, o líder da indústria, o conquistador que foca seus esforços na especulação, no risco e na inovação (Boltanski e Chiapello, 2009)

agentes, alterando-se assim as estruturas do movimento empreendedor (SOUZA, HOELTGEBAUM e SILVEIRA, 2008).

A importância de diversos agentes na realidade empreendedora vem sendo foco de estudos que buscam deslocar o foco das características e comportamento dos indivíduos empreendedores para um espaço de interação e colaboração que auxiliam nas discussões sobre determinadas visões, concepções sobre organizações e trabalho. (VAN de VEN, 1993, ZAHRA e WRIGHT, 2011, ZAHRA et al.,2014, AUTIO et al.,2014)

A pesquisa desenvolvida baseia-se na abordagem da sociologia econômica procurando demonstrar que o empreendedorismo, para além de uma concepção econômica e comportamental, deve ser analisado como uma construção social.

Objetivos

O objetivo desta pesquisa é analisar o processo de mobilização em um emergente movimento regional de empreendedorismo, através da abordagem dos Campos de Ação Estratégicos. Os objetivos específicos a serem desenvolvidos com base nas cidades foco da pesquisa são:

- Identificar os diferentes campos interconectados, envolvidos no processo de mobilização, e suas características.
- Analisar os frames utilizados, por diferentes agentes, no processo de mobilização.
- Apresentar os aspectos facilitadores e entraves identificados pelos agentes no processo de mobilização.

Justificativa

A cidade foco desta pesquisa, Araçatuba situada no noroeste do Estado de São Paulo, apresenta um movimento emergente de empreendedorismo denominado Hell Valley. Apesar do crescente número de ações que vem ocorrendo nesta localidade, principalmente nos últimos 10 anos, o movimento ainda encontra-se em processo de maturação e é justamente onde a aplicação da abordagem integrada e holística da teoria dos campos de ação estratégicos pode contribuir e possibilitar uma melhor compreensão e análise dos diversos campos interconectados e de seus agentes envolvidos neste movimento, o que gera uma ampla agenda de pesquisa afim de compreender como o movimento do empreendedorismo, via *startups*, tem contribuído para mudanças no movimento empreendedor da região. O papel de agentes dominantes em campos ainda emergentes e não institucionalizados auxiliam na construção de uma identidade coletiva e no desenvolvimento de agentes desafiadores (FLIGSTEIN e McADAM, 2011).

Essa perspectiva sociológica, baseada na teoria dos campos de ação estratégicos, possibilitará a compreensão das relações de poder entre os diversos agentes e campos interconectados e o processo de mobilização neste emergente movimento regional de empreendedorismo, sendo esta a contribuição da pesquisa para o campo teórico justamente por não termos estudos com esta ótica e perspectiva quando abordamos os estudos sobre a formação de ecossistemas empreendedores. Os estudos, encontrados no campo teórico, sobre a formação de ecossistemas empreendedores prioritariamente abordam aspectos mais econômicos, desenvolvimento da comunidade e impacto social.

Método de Pesquisa

A presente pesquisa em relação a seus objetivos é classificada como uma pesquisa descritiva, que segundo Gil (2016, p.17), “objetivam descrever as características de uma população, ou identificar relações entre variáveis”.

Com relação a sua abordagem a presente pesquisa é classificada como qualitativa, pois é uma tentativa de “compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos” (RICHARDSON, 2015, p. 90).

Quanto às técnicas de pesquisa é classificada como bibliográfica, que de acordo com Severino (2017, p. 122) “é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses” e a pesquisa de campo através da técnica de entrevista, que de acordo Sampieri, Collado e Lucio (2013, p. 425), “é definida como uma reunião para conversar e trocar informação entre uma pessoa (o entrevistador) e outra (o entrevistado) ou outras (entrevistados).”

Para mapear o movimento regional de empreendedorismo e seus possíveis campos interconectados, além de apresentar as características e atuação dos agentes existentes, na cidade foco da pesquisa, foram coletados dados secundários, a partir de conversas informais com gestores e consultores atuantes em agentes do movimento e pesquisas em sites institucionais destes agentes.

Além disso, também serão coletados dados primários, através de entrevistas semi-estruturadas, com estes agentes do movimento regional de empreendedorismo apresentados acima, com a finalidade de identificar os *frames* usados nesta mobilização e os aspectos facilitadores e entraves encontrados por estes agentes.

2. Revisão Bibliográfica

2.1 O CONTEXTO DE TRANSFORMAÇÕES DO CAPITALISMO

Neste tópico busca-se um aprofundamento teórico do contexto de transformações do capitalismo que permite compreender as mudanças ocorridas na conformação de cenários organizacionais e o surgimento de novas possibilidades a partir da implementação da lógica de financeirização e do desenvolvimento do conceito de capitalismo de plataforma. Pontos fundamentais para compreender as alterações e dinâmicas em torno do empreendedorismo.

Este tópico apresenta uma análise sobre as transformações do capitalismo moderno a partir das ideias de Weber, passando por Boltanski e Chiapello. O debate sobre estas transformações contribuirá para a tese pois irá auxiliar na compreensão do contexto e evolução das ideologias que justificam o engajamento no capitalismo.

As reflexões iniciais sobre o surgimento do capitalismo moderno se dão a partir das ideias e dos argumentos propostos por Weber (2004) que encontra no protestantismo baseado na ética calvinista, e que permitiu através de uma justificação divina, a aprovação da acumulação capitalista e do comportamento que contém os elementos essenciais da atitude que ele denominou de espírito do capitalismo, caracterizando uma mentalidade e um modo de conduta.

Na forma como é expressa por Weber, o moderno espírito do capitalismo, é representado pelo homem que trabalha de forma árdua e que busca fazer o seu melhor não somente por obrigação, mas também como um sinal de virtude e satisfação pessoal, seguindo uma conduta ascética do puritanismo e mostrando-se apto para a tarefa de organização das empresas e para a racionalização da economia (TARGINO, 2017).

Enquanto para Weber (2004) a visão de espírito do capitalismo está ligada a conteúdos em termos de *éthos*, ou seja, um conjunto dos costumes e hábitos fundamentais para justificar o engajamento no capitalismo, para Boltanski e Chiapello (2009) a visão de espírito do

capitalismo está mais ligada aos modos de organização das empresas e os processos de obtenção de lucro possibilitando com isso demonstrar as transformações ocorridas no capitalismo ao longo dos anos, através de uma divisão em três espíritos do capitalismo que apresentam as mudanças ideológicas que acompanharam tais transformações.

O primeiro espírito do capitalismo, do fim do século XIX, é caracterizado pela figura do burguês empreendedor que assume todo o risco e especulação proveniente da atividade de empreender, mas que proporciona uma emancipação das comunidades locais e da dependência da terra e da família (FORNO, 2014).

O segundo espírito do capitalismo, no início do século XX, é caracterizado pelo crescimento de produtividade e a formação de uma economia industrial. Neste período ocorre a predominância da grande empresa capitalista e a figura do diretor representa bem o modelo industrial desta época (OLIVEIRA e MEIRA, 2013).

O terceiro espírito do capitalismo, a partir dos anos 1960 e que foi denominado por Boltanski e Chiapello (2009) de “novo espírito do capitalismo”, é caracterizado pela busca da lucratividade e da competitividade, onde as empresas se utilizam da inovação tecnológica principalmente a partir dos anos 1970 que foi considerado o período de início da revolução da tecnologia da informação. Nesta fase, um novo paradigma tecnológico surge e acaba mudando a dinâmica da economia industrial gerando uma economia globalizada e informacional (CASTELL, 1999).

Em decorrência das transformações ocorridas no capitalismo ao longo dos anos, o mercado de trabalho e o próprio trabalho sofreram mudanças, inclusive a forma de empreender, através do aumento da importância da prestação de serviços e da geração de informações e conhecimento. As novas tecnologias possibilitam novas formas de relações de trabalho e novas oportunidades de empreender, não mais limitadas a espaços físicos e geográficos.

As mudanças ocorridas no capitalismo no final do século XX, segundo Boltanski e Chiapello (2009), relatam a necessidade de uma nova ideologia que justifique o engajamento dos trabalhadores no capitalismo, que a partir deste momento poderá ocorrer através da multiplicidade de projetos que poderão participar e demonstrar sua criatividade, reatividade e flexibilidade, aumentando assim a sua empregabilidade e legitimando o discurso da participação ativa do trabalhador garantindo a lógica na qual o capitalismo opera. Segundo os autores, as formas assalariadas existentes na sociedade industrial não eram mais suficientes para motivar os trabalhadores, apesar das garantias e direitos para o futuro oferecidas pelos capitalistas, pois os trabalhadores perderam a propriedade do seu trabalho e a possibilidade de terem uma vida ativa além da subordinação exigida na sociedade industrial.

Os dois principais protagonistas do capitalismo, de um lado os trabalhadores e de outro os capitalistas, necessitam de uma justificação para que possam efetivamente empenhar-se na prática capitalista. No caso dos trabalhadores, a motivação material de seu salário utilizado para viver já não é suficiente para justificar a participação e empenho e é considerada pouco estimulante. Neste contexto, Zamora (2019) discute dois conceitos considerados centrais, baseado em Boltanski e Chiapello (2009), que suportam este novo espírito do capitalismo: a justificação e o conceito de cidades.

O conceito de justificação tem relação com a dimensão de valores, ideais e expectativas morais que se tornam lógicas de legitimação em determinados contextos sociais e históricos e deve representar duas dimensões: de um lado as justificações individuais onde uma pessoa encontra os motivos para empenhar-se na empresa capitalista e de outro lado as justificações gerais que aborda o sentido do empenho na empresa capitalista ligada ao bem comum.

O conceito de cidades tem relação com o regime de justificação e serve de referência

generalizada quando ocorrem conflitos e disputas entre atores, como os trabalhadores e os capitalistas e servem como pontos de apoio normativos para a construção de justificações (SABOTTKA e SAAVEDRA, 2012). O conceito das cidades foi anteriormente abordado por Boltanski e Thevenot (1991), através de seis categorias, sendo cada uma com sua própria justificação de acordo com uma lógica interna de princípios e argumentos de ordem moral:

- A cidade inspirada, onde a grandeza das pessoas é representada pela ascensão do santo a um estado de graça ou do artista que recebe inspiração;
- A cidade doméstica, onde a grandeza das pessoas depende da sua posição hierárquica numa cadeia de dependências pessoais;
- A cidade da fama, a grandeza depende da opinião alheia, das pessoas que concedem crédito e estima;
- A cidade cívica, a grandeza é o representante de um coletivo cuja vontade geral ele exprime;
- A cidade mercantil, a grandeza é traduzida por aquele que enriquece pondo no mercado as mercadorias mais desejadas;
- A cidade industrial, a grandeza se baseia na eficácia e determina uma escala de capacidades profissionais.

Neste novo espírito do capitalismo surge o conceito de cidades por projetos como forma de justificação deste novo período e que faz referência a um mundo flexível onde existem uma alusão a empresa cuja estrutura é constituída por um grande número de projetos que associam diversas pessoas dentre as quais participam inclusive de vários projetos (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009). A cidade por projetos possui três formas de justificação a serem destacadas e que acabam servindo de base para alavancar mais o discurso pró-empresendedorismo, contribuindo com as discussões desta tese ao apresentar possíveis comportamentos empreendedores, a partir desse novo espírito do capitalismo:

- Engajamento: é uma das características determinantes na cidade por projetos, pois permite a mudança do controle externo, realizado por supervisores e chefes, para um autocontrole dos trabalhadores gerando um engajamento baseado e orientado em valores morais relacionados ao bem comum.
- Autonomia: é uma das características que aparecem como críticas ao modelo de trabalho fordista e que busca o abandono do controle burocrático e passa a defender uma empresa mais características mais humanas e que os trabalhadores podem buscar a auto realização.
- Alternância: é uma das características que discutem a possibilidade de mudança de trabalho em determinados períodos, possibilitando o engajamento em novos projetos, em diferentes lugares e com diferentes pessoas para manter em evidencia o sentido do trabalho.

A literatura de gestão empresarial nos apresenta as evoluções e mudanças associadas ao espírito do capitalismo de uma determinada época, permitindo-se criar uma linha temporal ao longo de suas fases. Através desta literatura, onde no início do século XX até por volta dos anos 1960, após concluída a fase do primeiro espírito do capitalismo caracterizada pelo “burguês empreendedor”, surge um novo corpo social de diretores e administradores assalariados, caracterizando o segundo espírito do capitalismo, ao qual é transferido o gerenciamento operacional das empresas já que os proprietários passaram a exercer o papel de acionistas. Já a partir dos anos 1970, seguindo pelo neoliberalismo dos anos 1980 até chegar nos anos 1990, o desejo de engajar-se em algo que contribui para o bem-estar

comum é exaltado em relação ao engajamento apenas pelo salário em si (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009).

O capitalismo industrial conclui, a partir do final da década de 1970, um ciclo onde a produção de bens e serviços é o ponto central na geração de lucro e um novo período que apresenta uma mudança para uma lógica financeira é iniciado, no qual passa a vigorar a regra do “dinheiro que gera dinheiro”, um processo de acumulação por espoliação no qual a maior parte do lucro é obtido através de aplicações no mercado financeiro e não é reinvestido na produção. Nesta nova fase, o poder dos acionistas é reforçado e as recompensas em razão do desempenho organizacional são exaltados, além disso os contratos de trabalho são revistos substituindo os tradicionais empregos permanentes por contratos mais contingenciais e se visualiza o *downsizing* da média gerencia através da aplicação da melhoria do uso da tecnologia de informação (HARVEY, 2010; DiMAGGIO, 2001).

Este novo período, denominado de financeirização, é definido como um novo regime de acumulação onde existe um padrão de valorização do capital em que os lucros estão muito mais ligados aos canais financeiros do que na produção de bens e serviços, sendo a globalização e a internacionalização dos mercados globais o que possibilita essa expansão e hegemonia do capital pelo capital e a consequente evolução do sistema capitalista (SANTANA, 2020).

Nesta nova fase do capitalismo, ocorre uma mudança do emprego em relação ao padrão fordista, considerado rígido, para um modelo considerado mais flexível e que permite contratos de trabalho mais flexíveis e que fomenta a lógica do empreendedorismo através da prestação de serviços e da pejetização, termo usado para designar a forma flexível de contratação via pessoa jurídica. A ideia de empreendedorismo através da prestação de serviços feita via pejetização propõe um modelo idealizado de vínculo entre empresas e trabalhadores baseados em uma ideologia neoliberal que é a favor de contratos de trabalho mais flexíveis e que permitem aos trabalhadores uma maior autonomia em relação a seu tempo de trabalho e sua vida pessoal (SILVA, 2016).

O impacto causado nas relações de trabalho a partir deste período denominado de financeirização onde ocorre uma mudança no regime de acumulação, antes produtivo e agora financeiro, pode ser avaliado sobre alguns aspectos: a criação da figura do assalariado acionista através da abertura de capital das empresas em direção a seus trabalhadores; o surgimento do emprego-projeto em razão da reestruturação organizacional que busca reduzir o número de níveis hierárquicos e funcionários; o aumento da empregabilidade e empreendedorismo transferindo aos trabalhadores a sua manutenção no cargo, através de investimentos realizados pelo próprio trabalhador em sua qualificação, transferindo de certa maneira os riscos do capitalista para os trabalhadores que devem assumir os riscos e se comportar como um empreendedor (DIAS e ZILBOVICIUS, 2006).

Dentro desse “novo espírito do capitalismo”, o discurso neoliberal do início da década de 1980 contribuiu para as mudanças ideológicas no mundo do trabalho, não somente em novas formas flexíveis, mas também na possibilidade de novas perspectivas em relação ao trabalho, como é o caso do empreendedorismo. Esta nova perspectiva empreendedora está inserida em um ecossistema empreendedor, formado por diferentes atores e apresentadas por Boltanski e Chiapello (2009), como promover a livre concorrência entre as empresas e garantir os direitos dos trabalhadores, além de elaborar políticas públicas e iniciativas de fomento as empresas e as iniciativas de empreendedorismo.

2.2 CAMPOS DE AÇÃO ESTRATÉGICA

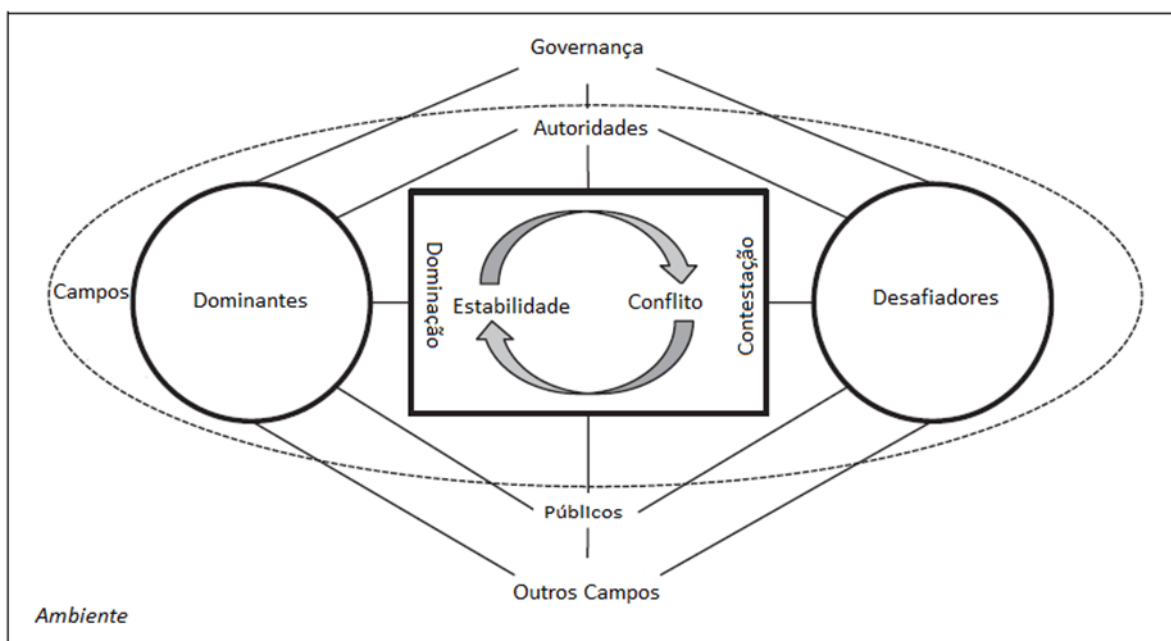
Neste tópico discute-se o conceito de campos de ação estratégicos, fundamentais para a compreensão das ações coletivas na sociedade. Trata-se de uma discussão relevante para o debate levantado pela pesquisa na medida em que permite compreender como os diversos campos estratégicos envolvidos em um movimento emergente de empreendedorismo se relacionam. Discutir a temática também requer olhar para a atuação de alguns agentes pertencentes a estes campos e suas relações de poder. Desse modo, também são apresentadas abordagens que refletem sobre a cooperação entre estes atores baseado em suas diferentes concepções de interesses.

A teoria dos campos de ação estratégica argumenta que os campos são unidades fundamentais nas ações coletivas da sociedade e o define como a construção de uma ordem social na qual atores, que podem ser indivíduos ou coletivos, são alinhados e organizados interagindo uns com os outros, baseados na compreensão compartilhada do propósito do campo, no relacionamento com outros campos e nas regras de governança para legitimar as ações no campo (FLIGSTEIN e McADAM, 2011, 2012).

Um campo de ação estratégica pode ser uma organização, uma comunidade de marca, um município, um movimento social ou qualquer outro coletivo social existente em um ambiente formado por outros campos que fornecem ao campo de ação estratégico focal seus atores com recursos e estruturas de governança, demonstrando que os campos de ação estratégica são interligados e interdependentes (FLIGSTEIN e McADAM, 2012).

A teoria dos campos de ação estratégica contextualiza a ação coletiva em campos de ação estratégica que consistem em atores dominantes e desafiadores, bem como autoridades governamentais e outras pessoas conectadas ao campo. Os atores se engajam em práticas sociais dependentes de papéis com o objetivo de manter ou desafiar a ordem dos campos. Essas práticas sociais são dependentes das habilidades sociais dos atores dominantes e desafiadores para (re) constituir e (re) negociar o pedido de campo, bem como seus recursos e suporte de outros atores, como públicos e autoridades (LAAMANEN e SKALEN, 2015). A figura 2.1 apresenta a estrutura dos campos de ação estratégica e o ambiente de ações coletivas.

Figura 2.1. Campos de ação estratégica e o ambiente de ações coletivas.



Fonte: LAAMANEN e SKALEN, 2015.

Baseados nos estudos de Kungl e Hess (2021), o quadro 2.1 apresenta os conceitos da teoria dos campos de ação estratégica.

Quadro 2.1. Os conceitos da teoria dos campos de ação estratégica

Conceitos	Contextualização
Relacionamento de atores e recursos	Existência de atores dominantes e desafiadores
Mudanças, emergências e desestabilização	O poder depende do acesso e do uso estratégico dos recursos
Regras do campo	Visões coletivas, normas compartilhadas, crenças, quadros de referência As regras de campo não são árbitros neutros da ação, mas estabilizam o ator, as relações, e o papel das unidades de governança interna
Agência, <i>frames</i> e coalizões	A habilidade social como a habilidade de enquadrar visões, criar identidades compartilhadas, mobilizar-se para a ação coletiva e construir coalizões políticas
Ação estratégica em campos interconectados	Foco na relação estrutural entre os campos (grau de dependência)

3. Resultados Parciais

A pesquisa encontra-se em desenvolvimento e a partir da coleta de dados inicialmente realizada identificou-se alguns campos interconectados e seus principais agentes neste movimento regional voltado a fomentar e expandir o empreendedorismo, conforme descrito no Quadro 3.1.

Quadro 3.1. Campos e agentes do movimento regional de empreendedorismo

CAMPOS	AGENTE	ATUAÇÃO
Estado	Prefeitura	Desburocratização para abertura de empresas
		Sala do Empreendedor para atendimento ao público
		Portal de Compras Públicas
		Agente de Desenvolvimento (figura obrigatória pela Lei Geral da Micro e Pequena Empresa, é um articulador do poder público)
	Agências de Fomento	Banco do Povo
		Desenvolve SP
		FAPESP
Inova -Incubadora de Startup	Treinamentos, Programas e Eventos voltados a apoiar o empreendedorismo	

	Parque Tecnológico	Em processo de implantação no município de Araçatuba
Suporte	SEBRAE	Empresarial: Atua com cursos e intervenções (consultoria e assessoria) para candidatos a empresário e para que já possui empresa (MEI, ME, EPP)
		Gestor Público: Atua com prefeitos e vereadores com orientações e suporte
		Educacional: Atua com faculdades, cursos técnicos, ensino médio e fundamental
	SENAI	Educação Empreendedora
		Editais de Inovação
Plataforma Inovação para Indústria		
Econômico	Empresas	Empresas já consolidadas e empresas emergentes
	CIESP	Realização de ações e eventos com o objetivo de levar informação, conhecimento e possibilidades de interação com o ecossistema empreendedor as empresas
	UDOP	Eventos e editais voltados a iniciativas de empreendedorismo
Universitário	Instituições de Ensino Técnico e Superior	Inclusão da temática do empreendedorismo no currículo
		Realização de eventos de fomento ao empreendedorismo

Em relação as diferentes “ondas” de empreendedorismo identificadas ao longo dos anos, pode-se verificar um primeiro movimento no início da década de 1990 e posteriormente na segunda metade da década de 1990, onde a visão ou *frames* estavam motivados por iniciativas mais isoladas de empreendedorismo, muito baseadas na identificação de oportunidades emergentes, principalmente para atender um determinado setor industrial, o calçadista. A partir do início dos anos 2000, seguindo posteriormente na segunda metade da década de 2000, a visão ou *frames* já sofriam a influência da formação que muitos destes empreendedores tiveram ao terem contato com conceitos e técnicas de gestão e empreendedorismo. Posteriormente, a partir dos anos 2010, seguindo posteriormente na segunda metade da década de 2010, a visão ou *frames* começaram a sofrer a influência do *boom* de novos modelos de negócios proporcionados pelos conceitos de *startups*.

Ao longo destas ondas de empreendedorismo, pode-se identificar que alguns agentes dominantes, localizados no campo denominado Sistema de Suporte, como o Sebrae, Senai e CIESP mantiveram sua atuação à frente do movimento regional de empreendedorismo fomentando ações e eventos com o objetivo de divulgar e disponibilizar suas estruturas e serviços, enquanto outros agentes também deste campo como o Centro Tecnológico, Incubadora, Parque Tecnológico e o próprio movimento orgânico denominado Hell Valley

surgem em um período já classificado nesta terceira onde a partir dos anos 2010.

Outros agentes, localizados no campo denominado Políticas Públicas Financiamento e Fundos, como as prefeituras pode-se identificar uma volatilidade em relação a atuação e ações ao longo destas ondas de empreendedorismo, de acordo com as características e propósitos de cada governo e que as agências de fomento vêm possibilitando novas ofertas de crédito e financiamento para os empreendedores.

Em relação aos agentes, localizados no campo denominado Recursos Humanos, pode-se identificar uma mudança nos currículos oferecidos onde o surgimento de disciplinas e conteúdos voltados ao empreendedorismo começaram a aparecer a partir da segunda onda de empreendedorismo identificada a partir dos anos 2000 e onde alia-se a esta mudança o aumento da frequência de eventos ligados a temática de empreendedorismo.

E por fim, os agentes localizados no campo denominado Cultura Empreendedora, que são exemplos de empreendedores de sucesso, pode-se identificar com o caminhar das ondas de empreendedorismo que a ocorrência de casos de sucesso, considerados exemplos para todo o movimento de empreendedorismo, vem aumentando e que as competências consideradas essenciais ao empreendedorismo vem sendo apresentadas e compartilhadas em diversos eventos e ações realizadas no movimento regional de empreendedorismo onde estes agentes participam com grande atuação.

Como próximos passos da pesquisa, será realizado a estruturação de questionários para as entrevistas que serão realizadas na pesquisa de campo afim de possibilitar a identificação e análise detalhada dos *frames* utilizados pelos agentes, bem como os facilitadores e entraves identificados pelos mesmos.

Referências

- AUTIO, E., KENNEY, M., MUSTAR, P., SIEGEL, D., WRIGHT, M. Entrepreneurial innovation: The importance of context. *Research Policy* 43(7), 1097-1108, 2014.
- BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, È. O novo Espírito do Capitalismo. São Paulo. Martins Fontes, 2009.
- BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. De la justification: les économies de la grandeur. Paris: Éditions Gallimard, 1991.
- BOYER, R. Is a finance-led growth regime a viable alternative to Fordism? A preliminary analysis. *Economy and society*, v. 29, n. 1, p. 111-145, 2000.
- CASTELLS, Manuel. A Sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COUTROT, T. Organização do trabalho e financeirização das empresas: a experiência europeia. *Revista Outubro*, v. 12, 2005.
- DIAS, Ana Valéria Carneiro; ZILBOVICIUS, Mauro. A produção face à financeirização: quais as consequências para a organização da produção e do trabalho? Uma proposta de agenda de pesquisa para a Engenharia de Produção Brasileira. In: XXVI ENEGEP - Fortaleza, CE, Brasil, 9 a 11 de Outubro de 2006.
- DiMAGGIO, Paul, editor. *The Twenty-First-Century Firm: Changing Economic Organization in International Perspective*. Princeton University Press, 2001. JSTOR,
- FLIGSTEIN, Neil; McAdam, Doug. Toward a general theory of strategic action field. *Sociological American Sociological Association. Theory* 29:1 March 2011.
- FORNO, Lúcio D. Um novo espírito, sim! Uma revisão do debate sobre o “espírito do capitalismo”. Em Tese, Florianópolis, v. 11, n. 1, jan./jun., 2014. ISSN: 1806-5023
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: GEN | Atlas, 2016.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2010.

KUNGL, Gregor; HESS, David J. Sustainability transitions and strategic action fields: A literature review and discussion. *Environmental Innovation and Societal Transitions* 38 (2021) 22–33.

LAAMANEN, Mikko; SKÁLEN, Per. Collective–conflictual value co-creation: A strategic action field approach. *Marketing Theory* 2015, Vol. 15(3) 381–400

OLIVEIRA, Daniel, C.; MEIRA, Thiago A.V. A construção de um novo espírito do capitalismo em uma sociedade em rede. [Caderno Eletrônico de Ciências Sociais: Cadecs](#), ISSN- e 2318-6933, [Vol. 1, Nº. 1, 2013](#), págs. 140-154

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. 3. ed. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 2015.

SABOTTKA, Emil A.; SAAVEDRA, Giovani A. Justificação, reconhecimento e justiça: Tecendo pontes entre Boltanski, Honneth e Walzer. *Civitas*, Porto Alegre, v. 12, n. 1, jan.-abr. 2012, p. 126-144.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. *Metodologia de pesquisa*. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013

SANTANA, Mateus U. S. Mobilizando o conceito de financeirização para pensar as relações econômicas e socioespaciais no capitalismo neoliberal. *Geografia e Economia: relações e interface*. Editora UEMS, 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SILVA, E.E.T. Pejotização programada: a naturalização da ideologia empreendedora entre trabalhadores de TI na cidade de São Paulo. *Trabalhos de conclusão de graduação na FESPSP: Biblioteconomia e Sociologia*, 2016.

SRNICEK, N. *Platform capitalism*. Cambridge: Polity Press, 2017.

TARGINO, Janine. Notas sobre a sociologia da ação e a ética protestante e o espírito do capitalismo. *Estud. Sociol. Araraquara*, v. 22, n. 42, jan.-jun. 2017, p. 111-124.

VAN de VEN, H.. The development of an infrastructure for entrepreneurship. *Journal of Business Venturing*, 8(3), 211-230, 1993.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ZAMORA, M.A.M. O precariado na cidade por projetos: justificação e precarização do trabalho em projetos sociais. *Dissertação Mestrado*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Administração, Programa de Pós-Graduação em Administração, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

ZAHRA, S., WRIGHT, M. Entrepreneurship's next act. *Academy of Management Perspectives*, 25(4), 67-83, 2011.

ZAHRA, S., WRIGHT, M., ABDELGAWAD, S. Contextualization and the advancement of entrepreneurship research. *International Small Business Journal*, 32, 479-500, 2014.